

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO/A ALUNO/A AFRODESCEDENTE NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

IDENTITY OF CONSTRUCTION / A STUDENT / A AFRODESCENDANT IN SERIES FINAL OF BASIC EDUCATION

Ronilda Silva Almondes¹

Solimar Stuh²

Angela do Nascimento Paranha de Oliveira³

RESUMO

O presente artigo resulta de uma pesquisa cujo objetivo é investigar e compreender a construção da identidade do aluno afrodescendente na educação no ensino público e das práticas educativas, tendo como objetivos específicos conhecer como tem ocorrido a implementação da Lei Nº 10.639/03 e identificar as propostas de ensino que contribuem com a construção da identidade do aluno/a afrodescendente a análise do processo do ensino e expectativas no avanço na educação. A metodologia adotada para o alcance dos objetivos propostos ancora-se na pesquisa qualitativa de estudo de caso com os procedimentos técnicos baseados em pesquisa bibliográfica, em entrevistas com profissionais e alunos da escola. Os gráficos identificaram que a construção da identidade do aluno afrodescendente se dá no convívio escolar e no resgate da história afro-brasileira. Ainda nos mostra que a implementação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 contribui positivamente com a construção da identidade cultural do aluno afrodescendente no contexto escolar. Entendemos, a partir deste estudo que só teremos uma sociedade efetivamente democrática, quando as diferenças forem respeitadas, quando as etnias que compõem este país tiverem suas representações garantidas. Desse modo, conduz uma luta pelo respeito às suas diferenças e pela igualdade.

Palavras-Chave: Desigualdade racial. Construção da identidade. Educação.

ABSTRACT

This article results from a study conducted to investigate and understand the construction of the identity of the Afro-descendant students in education in public education and educational practices with specific objectives known as has been the implementation of Law No. 10,639 / 03 and identify proposals teaching that contribute to the construction of the identity of the student / a afrodescendant the analysis of the process of teaching and expectations in advance in education. The methodology used to achieve the proposed goals anchored in the case study of qualitative research with the technical procedures

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Multivix Cariacica.<ronildaalmondes@gmail.com>

² Graduando do curso de Pedagogia da Faculdade Multivix Cariacica. <solimar.stuh@bol.com.br>

³ Professora orientadora – Mestre em Educação pela UFES. Coordenadora da Educação Infantil do município de Cariacica – ES. <angela_paranha@hotmail.com>

based on literature research, interviews with professionals and school students. The graphics found that the construction of the identity of African descent student takes in school life and the rescue of Afro-Brazilian history. Also shows that the implementation of Law No. 10.639, of January 9, 2003 positively contributes to the construction of African descent cultural identity in the school context. We understand from this study that only have a truly democratic society, where differences are respected, where the ethnic groups that make up this country have their guaranteed representation. Thus, leads a struggle for respect for their differences and for equality.

Keywords: racial inequality. Construction of identity. Public education.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a criança, por se sujeito histórico e cultural e produtor de cultura, assimila e transforma em seu mundo simbólico, todos os valores, as crenças e padrões de comportamento produzidos e reproduzidos através das relações sociais.

A construção da identidade da pessoa afrodescendente é constituída por diversos fatores, que podem ser positivos ou negativos. Segundo Ferreira e Camargo (2011), alguns processos aos qual a pessoa afrodescendente está submetida na construção de sua identidade na escola, são situações que reproduzem normas sociais dominantes e que tendem a manter a ordem socialmente instituída. Por este motivo, este trabalho visa compreender como é constituída a construção da identidade do/a aluno/a afrodescendente na educação dos anos finais do ensino fundamental.

Ressalta-se buscando entender e analisar a construção da identidade do aluno afrodescendente na educação e além dessa introdução será apresentado o objetivo geral e os específicos que nortearam o presente estudo, bem como a metodologia que auxiliam a caracterizar a problemática de pesquisa. A seguir, faz-se-ar a discussão dos resultados a respeito do vivido nessa investigação, finalizando com as conclusões que foram construídas no decorrer dessa pesquisa.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Este estudo adotará a metodologia de estudo de caso, no qual serão utilizadas técnicas de recolha de dados, como entrevista semiestruturada, junto a um grupo de estudantes e profissionais de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de Vitória, situado no Estado do Espírito Santo.

A pesquisa ancora-se no estudo de caso qualitativo, pois segundo Granger (apud MINAYO, 1982, p.246), “um verdadeiro modelo qualitativo descreve, compreende e explica, trabalhando exatamente nesta ordem”. Já o estudo de caso, de acordo com Godoy (1995, p. 25):

O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular. [...] O propósito fundamental do estudo de caso (como tipo de pesquisa) é analisar intensivamente uma dada unidade social, [...] é preciso enfatizar as várias dimensões em que ele se apresenta, assim como o contexto em que se situa.

Ao adotarmos o estudo de caso, utilizamos para o alcance dos objetivos pretendidos a pesquisa de campo. De acordo com a definição de Gonsalves (2001, p.67),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Visando a preservação da identidade dos adolescentes pesquisados juntamente com os profissionais de educação envolvidos, este estudo preservará em anonimato a identidade da escola.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram: alunos da 8ª série e professores. Totalizaram 76 pessoas entrevistadas: sendo: 32 professores e 44 alunos. E, a unidade escolar pesquisada situa-se em uma realidade de famílias carentes e um aglomerado urbano de classe de baixa renda da cidade de Vitória. O bairro escolhido possui duas escolas públicas do ensino fundamental.

O assunto foi abordado com base em diálogo com os profissionais e alunos da escola, sendo consolidados e tendo os resultados no decorrer do artigo.

Assim, adotamos como objetivo geral: Compreender como se processa a construção da identidade do/a aluno/a afrodescendente no ensino público. Objetivos específicos: Conhecer como tem ocorrido a implementação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003; Identificar as propostas de ensino que contribuem com a construção da identidade do aluno/a afrodescendente.

Ressalta-se que na escola pesquisada há um número grande de alunos afrodescendentes, o que respalda a importância deste estudo. Para isso, fez-se necessário abordar as concepções legais sobre o direito à educação avaliar se esta oferta está de fato cumprindo com seus objetivos e identificar casos que a educação contribuiu ou não no processo de democracia social.

IDENTIDADE CULTURAL E INTERAÇÃO SOCIAL

Quando os mais diversos africanos, capturados de sua terra natal, desembarcaram no Brasil para trabalhar nos engenhos de produção de açúcar, nas lavouras de café trouxeram consigo seus costumes, línguas, valores e crenças.

Assim, falar sobre a construção da identidade cultural e o papel da interação social, nos leva a refletir sobre a construção da identidade do sujeito afrodescendente, que tiveram seus antepassados marginalizados pelo peso do sistema escravocrata. E, esta não pode prescindir da discussão sobre a identidade como processo mais amplo.

Segundo Gomes (2003a), esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social. A identidade afrodescendente é entendida, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro.

Nesse sentido de acordo com este autor, pensar na articulação entre a educação, a cultura e a identidade afrodescendentes, segundo o referido autor, entrou em campos de processos densos, movediços e plurais, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais. Processos que estão imersos na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, entre a memória e a história.

Nesse percurso, este grupo de sujeitos depara-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética. Compreender a complexidade na qual a construção da identidade afrodescendente está inserida, sobretudo quando levamos em consideração a corporeidade e a estética, é uma das tarefas e desafios colocados para os educadores (GOMES, 2003a).

Assim, Santos e Souza (s.d) lembra que a identidade é construída no interior de contextos sociais que determinam à posição dos agentes, orientando as suas representações e escolhas. O processo de reconstrução da identidade seja realizado de forma eficiente urge que uma atenção especial seja dada não apenas ao aluno, mas também as formas de reconhecimento racial de seus alunos por parte dos professores.

Segundo Ferreira (2008), os conceitos de racismo preconceito e discriminação, estabelecia-se um divisor étnico que se enraizou nos sistemas escolares. Assim afirma Gomes (2003b), que os afrodescendentes devem ser inclusos no ensino e na prática no contexto escolar, a identidade afrodescendente é uma construção pessoal e social de forma diversa. Uma igualdade para todos na diversidade, baseada no reconhecimento e no respeito às diferenças, que todos tenham acesso a esses direitos.

Gomes (2008) afirma que o caminho seria reassumir a negritude pelo resgate das técnicas e artes relacionadas com o corpo a partir do repertório das artes corporais africanas, não apenas no sentido de uma continuidade, mas também no sentido de uma operação de decodificação/ recodificação e reinterpretação no universo da diáspora africana. O cabelo é analisado, não apenas como parte do corpo individual e biológico, mas, como corpo social e linguagem; como veículo de expressão e símbolo de resistência cultural.

É nessa direção que interpreta a ação e as atividades desenvolvidas nos salões étnicos, a partir da manipulação do cabelo crespo baseando-se sobre os penteados de origem étnicos africanos recriados e reinterpretados, como formas de expressão estética e identitária afrodescendentes. Qualquer processo identitário é conflitivo na medida em que ele serve para me afirmar como “eu” diante de um “outro”. A forma como esse “eu” se constrói está intimamente relacionada com a maneira como é visto e nomeado pelo “outro”. O cabelo do afrodescendente, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do afrodescendente como “ruim” e do branco como “bom”, expressa um conflito (GOMES, 2008).

Nota-se que o processo da construção da identidade do aluno afrodescendente está sendo valorizada, e trás consigo dentro de sala de aula a sua própria imagem. Constrói-se no desenvolvimento da interação social.

A identidade é contribuída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura. (GOMES, 2008). A mesma autora diz que a identidade afrodescendente é uma construção pessoal e social, ações afirmativas como forte expiração e conquistas do movimento pelo os direitos civis (GOMES, 2011). Segundo Gomes e Silva (2006), o conhecimento com o pensamento correto na memória é tomado como uma atividade pessoal e defendida como recuperar para o pensamento, experiências passadas ou fatos previamente aprendidos, ou a soma total daquilo de que alguém se lembra, por outro lado, a memória cultural é essencialmente um produto individual. Conforme Gonçalves e Silva (2004), o racismo buscava destruir todos os traços de africanidade. Acreditavam que se pode ser africano sem ser afrodescendente, raça e cultura eram duas entidades separadas. Para ser africano, era preciso inicialmente está aberta para incorporar sua cultura e ser aceito em seu mundo.

Neste aspecto pretende-se que o trabalho com a percepção das diferentes identidades dentro do contexto escolar seja levantado e discutido nos cursos de formação de professores, de modo a contribuir com a afirmação da identidade de todos, além de contribuir na construção da identidade do aluno afrodescendente.

CONTRIBUIÇÕES DE AÇÕES DO/NO COTIDIANO ESCOLAR

Entende-se que o lugar do currículo escolar é um espaço de reconhecimento e no caso da história dos sujeitos afrodescendentes, um espaço de afirmação. Assim a Lei 10.639/03, que obriga o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas.

Podemos considerar que cada criança aprende de uma forma diferente. É importante que sejam propostas com a intenção de aumentar seu envolvimento afetivo e social. Conforme Alcudia (2002), a educação é entendida como capacitação para o exercício da liberdade e da autonomia, no processo educativo, esse olhar implica respeito para com o sujeito, é um fator decisivo na determinação da individualidade e na causa de peculiaridades que nos assemelham a uns e que nos diferenciam de outros.

Segundo Cavaleiro (2001), a problemática das desigualdades entre alunos afrodescendentes e brancos no sistema escolar, conceitua-se o preconceito, a discriminação racial e o racismo. Nos dias atuais, o racismo tem se manifestado de maneira muito evidente, quando se tenta negar a humanidade das pessoas afrodescendente, comparando as por meio de seus atributos físicos. O indivíduo se identifica reconhecendo seu próprio corpo, na construção da sua identidade. Na escola pública de primeiro grau é possível verificar a existência de um ritual pedagógico excludente, a marginalização escolar de crianças e jovens negras, a pedagogia do silêncio.

Como afirma Lima (1997) o conhecimento do cotidiano das nossas escolas e repressoras das manifestações individuais da liberdade e da criatividade dos alunos. Nas séries iniciais que mais se fazem sentir as consequências dessa postura, quando a criança travada em sua espontaneidade, ameaçada pelo fantasma do medo de errar e de não ser aceito, de si mesmo o sentido de alta desvalorização e de inferioridade.

Segundo este autor, o afrodescendente é estereotipado como feio, mau, sem razão, instintivo e sem moral, de uma forma violenta e abrangente, pelos aparelhos de reprodução ideológica. A inculcação de uma imagem negativa do afrodescendente e de uma imagem positiva do branco tende a fazer com que aquele se rejeite não se estime e procure aproximar-se em tudo e dos valores tidos como bons e perfeitos. A afirmação da identidade afrodescendente conduz a uma luta pelo respeito as suas diferenças e pela possibilidade de uma efetiva integração social e pela igualdade.

Por este motivo, de acordo com Domingues (2007), a necessidade de revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos.

Sabe-se que o racismo tem-se ganhado espaço através da sua perpetuação no imaginário social, por isso é afirmativo que os profissionais da educação assumam uma postura defensora da diversidade humana, possibilitando assim, o sucesso escolar de todos e todas das mais diversas cores.

Neste caminho, Abramowicz e Silvério (2005), lembra que a instituição que em tese deveria educar respeitando particularidades e de forma a contribuir para uma sociedade mais justa, termina por ensinar a dissimulação, a obrigação de rejeitar em si mesmos

tudo o que os diferencia da maioria. Quem se reconhece negro, batalha para serem respeitados, tendo a riqueza e a diversidade de nossa história e de nossa cultura reconhecidas e valorizadas. Os autores ainda comentam sobre a consciência negra, que se envolve na comunidade afrodescendente com um renovado orgulho de si próprio, de seus valores, de sua religião, de suas perspectivas de vida. Não se trata de somar, mas de estarem juntas em pé de igualdade. Empurrar a criança para a socialização é dar-lhe o formato de cidadão, o direito de viver. A diferença é a qualidade do que é diferente o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança.

Sem diversidade não há multiculturalismo. O estado deve criar instrumentos legais assegurando ao afrodescendente o seu desenvolvimento intelectual, profissional e financeiro. É possível perceber que a criança afrodescendente, apesar de constituir a maioria do alunado da rede pública, ao ingressar na escola, vê-se envolta por uma gama de apelidos que depreciam sua origem, além de uma forte pressão para a negação da identidade afrodescendente. Para o aluno afrodescendente, informações sobre suas características físicas são de extrema importância, pois lhe permite conhecer suas origens, contribuindo positivamente para a construção de sua identidade e reforça de sua autoestima (LIMA, 1998a).

O movimento negro e outras entidades no racismo no Brasil é presente e talvez não seja tão sutil como se imagina. Os afrodescendentes estão em um processo de exclusão da sociedade, da economia e do sistema educacional. Alertando para a importância do processo de influência da cultura branca sobre a negra, onde afrodescendente seriam aceitos e renderiam a culturas mais desenvolvidas. O mesmo autor diz que a identidade étnica de uma criança irá se constituir em uma sociedade racista e discriminatória. As relações do indivíduo afrodescendente irão se construir a partir do seu corpo afrodescendente num mundo branco. A escola pública, por ser maioria frequentada por alunos afrodescendente de baixa renda, não pode deixar de resgatar, através do trabalho do corpo e outras linguagens artísticas. O aluno já vem para a escola com um potencial criativo, sua função é trabalhá-lo (LIMA, 1998b).

O autor ainda afirma que, a contribuição dos afrodescendentes à construção do processo democrático brasileiro é efetivamente um patrimônio não só deles, mas de todos os que teimam em querer transformar nossa sociedade num espaço igualitário. O objetivo é através de um trabalho qualitativo, na autoestima e possibilidade de conhecer uma cultura que devem ser respeitadas nas suas individualidades e integridade. Comunidade e escolas devem trabalhar juntas por uma educação que contemple as populações afrodescendentes (LIMA, 1999a).

Negar a multiplicidade étnica e cultural brasileira é desconsiderar a própria realidade, impondo modelos que não correspondem ao que realmente somos enquanto identidade. A escola ainda continua presa aos estereótipos que foram assimilados em torno dos afrodescendentes. O silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece para que as diferenças sejam entendidas como desigualdade e o afrodescendente como sinônimo de desigual e inferior. A escola precisa se organizar para demonstrar a todos a importância da pluralidade racial não pode ser posto de lado. É preciso combatê-lo e necessariamente que todos digam não ao racismo e que juntas promovam o respeito e falar sobre as diferenças sem medo e sem preconceito. A educação é um direito de todos e contraditório o espaço escolar não estar preparado, essencialmente em um país de maioria afro brasileira. A igualdade só pode ser atingida se mantidas e respeitadas às diferenças, pois a cidadania de alguns não pode ser construída sobre a exclusão de muitos. (LIMA, 1999b).

Segundo Munanga (2004), o Brasil se encontra desigual, a escola pública não pode ser

resolvida por meio das políticas universalistas. Neves (2012), diz que a obrigatoriedade de inclusão de história da cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica definida pela lei nº 10.639/03, trouxe outro grande desafio aos professores da escola básica de todo país. A escola satisfeita é o que viaja naquelas idealizações criadas pelas gerações anteriores. Ninguém confunde uma menina preta com outra branca ou amarela. O conjunto de características que os tornam diferentes é bastante amplo, mas nossa tendência é fixar a atenção nos traços visíveis. Pretos, brancos e amarelos têm costumes diferentes, professam crenças diferentes, se relacionam de maneiras diferentes com a natureza e entre si. O xis do problema é que a cor é uma barreira a mais na fuga da pobreza, a única diferença entre um branco pobre e um preto pobre é que o primeiro não é preto, e tende a tirar partido disso no mercado de trabalho, nas relações pessoais, nas disputas de prestígios. Tratar do afrodescendente em sala de aula tem por objetivo expor, deixar transparentes aspectos e alternativas recalcados da civilização brasileira. O olhar negro é uma maneira de ver o brasileiro que somos e deveremos ser. Não adianta, olhar pela metade, mas o corpo inteiro: sua arte, ideias, sua contribuição no passado e atualidade, sua sociabilidade, cultos e culturas (SANTOS, 1990).

Conforme Santos (2007), a raça não existe cientificamente, ela existe socialmente. E é só neste sentido socialmente, que podemos dizer que há raças. Os estereótipos sobre o afrodescendente podem se construir em uma variável e importante para explicar o fracasso escolar das crianças afrodescendentes na escola. O papel do professor é determinante no processo de reapropriação e reinvenção do conhecimento. Estigmatizar o afrodescendente em papéis subalternos é ocultar sua capacidade técnica. Reconhecer o passado histórico e a cultura dos diversos povos é um passo importante para o acolhimento das diferenças, no sentido de permitir uma participação ativa na nação onde estão situados (SILVA, 2001).

Segundo Soares e Alves (2003), a escola continua sendo um produto social desigualmente distribuído. O impacto da posição da proficiência dos alunos brancos é bem maior do que para os alunos afrodescendentes. É possível identificar o desenvolvimento do aluno afrodescendente em suas influências no processo da cultura brasileira. O ambiente escolar deve discutir assuntos que quebram o preconceito e o racismo. A construção da identidade se constrói a partir das relações com os outros. O olhar afrodescendente sobre o ambiente é uma visão que inclui outros seres como partes integrantes de sua totalidade. O resgate da cultura e da história africana pretende recuperar os princípios e valores da cultura, não a exclusão, mas a inclusão.

A LEGISLAÇÃO QUE AMPARA O ENSINO DA HISTÓRIA AFRODESCEDENTES DENTRO DOS CONTEÚDOS ESCOLARES

A obrigatoriedade de inclusão de história da cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica definida pela lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, trouxe outro grande desafio aos professores da escola básica de todo país. Segundo o documento,

Artigo 26-A:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão

ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

[...]

Artigo 79-B:

O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

A educação é um direito subjetivo de todo o ser humano, conforme a Carta Magna - Constituição Federal de 1988 estabelece em seu capítulo I os direitos e deveres individuais e coletivos. Assim, reafirma que,

Artigo 05:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, [...].

Os conteúdos trabalhados em sala sendo garantida pela constituição no capítulo III, seção I no artigo 210 que diz "Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais". Também o estado garantirá o acesso aos direitos e valorização das culturas no capítulo III, seção II no artigo 215 que diz "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais."

Segundo a Constituição Federal de 1988:

Art. 205: a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas [...].

A educação é dever do estado e da família e quaisquer cidadãos têm direito ao acesso garantido por lei. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) estabeleceu no título III a do Direito à Educação e do Dever de Educar.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996:

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo.

O direito ao respeito e a dignidade no desenvolvimento no processo de construção de sujeitos íntegros defendidas pela lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estabeleceu no título II, capítulo II no artigo 15 que diz que "A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na

Constituição e nas leis”.

Segundo a Lei Nº 8.069 de 1990:

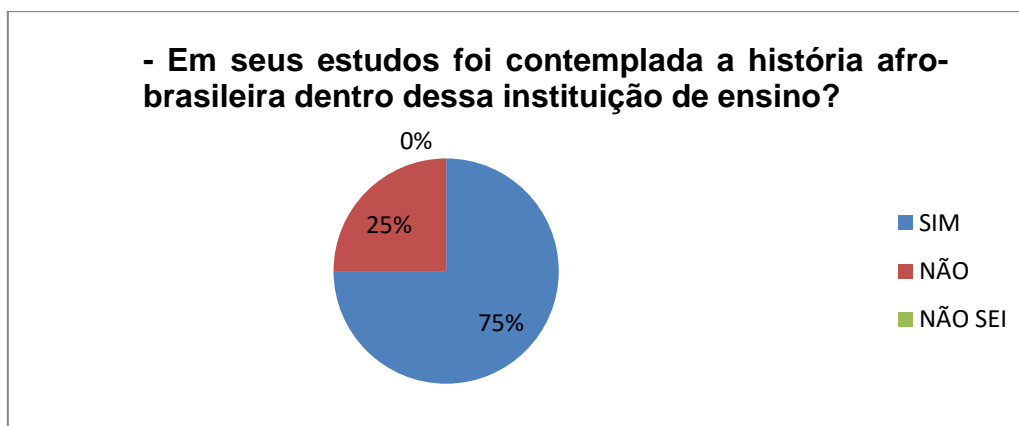
Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Desta forma, optando por uma investigação com abordagem de técnicas de recolha de dados a observação e entrevista. Os caminhos percorridos até a obtenção dos resultados dos alunos e profissionais, bem como os instrumentos utilizados na produção das perguntas. As características de nossa pesquisa, com a realização de entrevistas com alunos das 8ª séries e de profissionais da escola mantida pelo município de Vitória/ES, para observamos o que eles têm a nos dizer sobre a escola, da construção da identidade dos alunos afrodescendentes, bem como os procedimentos de questionários, colocam-na no conjunto das pesquisas desenvolvidas no campo de investigação. Essas questões são relativas à escola e não pretendem responder a uma questão específica e sim a um objetivo amplo que se refere à construção da identidade afrodescendente do aluno/a na educação.

Conforme os gráficos abaixo podem notar o que foi perguntado aos alunos e profissionais e suas respectivas respostas.

Questionário aos alunos

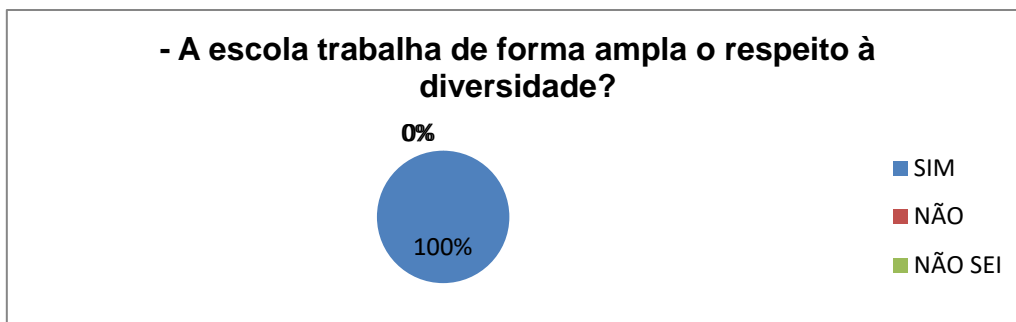
GRÁFICO 1



Fonte: do autor

Diante do gráfico 1, nota-se que nem todos os alunos entrevistados foram contemplados com estudo da história. História e Cultura Afro-Brasileira, conforme determinado pela legislação de nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003.

GRÁFICO 2

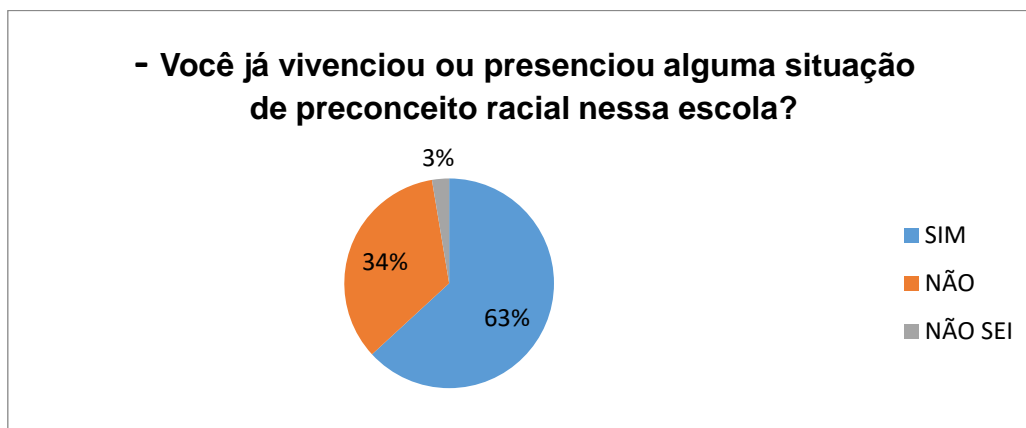


Fonte: do autor

O gráfico 2, diz que todos os alunos entrevistados afirmam que a escola trabalha com respeito à diversidade e de forma ampla no âmbito cultural para os estudantes.

Questionário direcionado aos alunos e aos profissionais da unidade de ensino

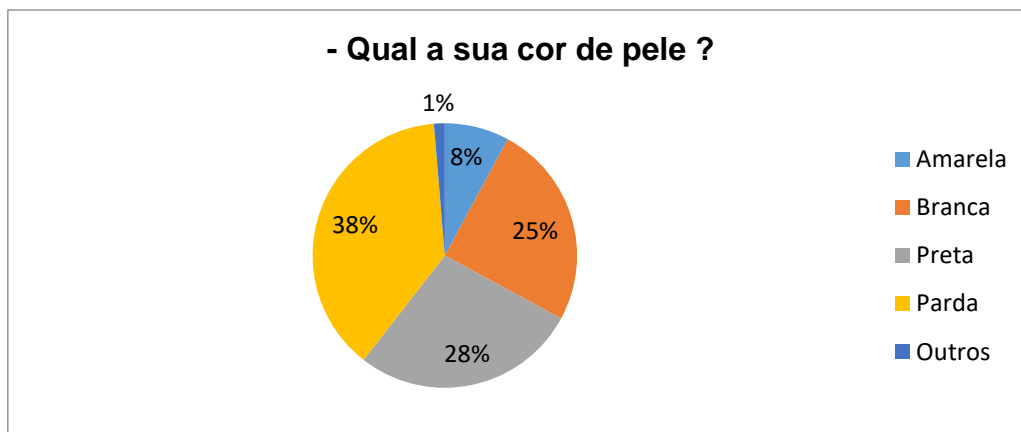
GRÁFICO 3



Fonte: do autor

Os dados apontam que a maioria dos entrevistados já vivenciou ou presenciaram alguma situação de preconceito racial nessa escola. Portanto como o gráfico 2 nos diz que todos os entrevistados, de forma unanime, afirmam que a escola trabalha o respeito à diversidade. Contudo, os dados do gráfico 3 apontam que mesmo sendo trabalhado o respeito a diversidade, isso não garante a inexistência atitudes de preconceitos dentro do ambiente escolar conforme.

GRÁFICO 4

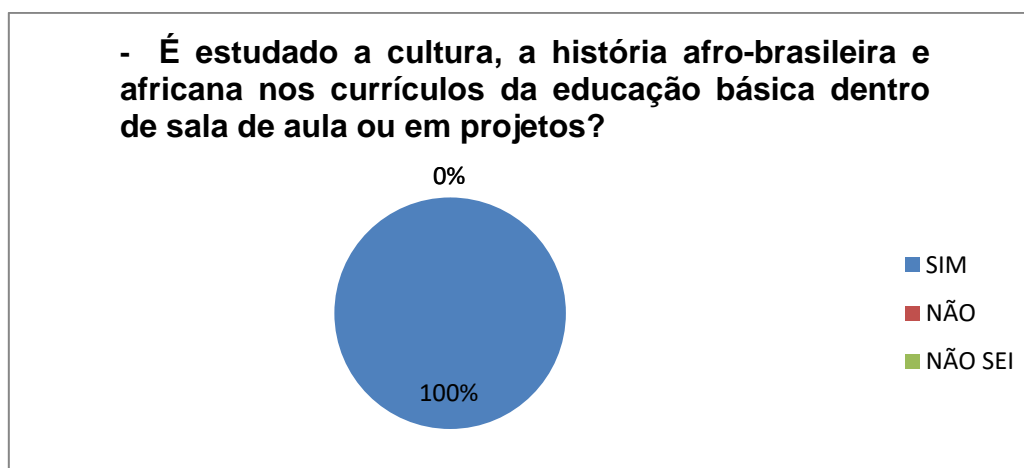


Fonte: do autor

Foi observado que a maioria dos entrevistados se considera de cor parda. Diante do gráfico 4, pode-se notar que os entrevistados são de cultura diversificados. Podemos notar que existem mais afrodescendentes na escola que brancos e, contudo ainda vivenciam ou presenciam situações de preconceitos dentro do ambiente escolar.

Questionário aos profissionais

GRÁFICO 5

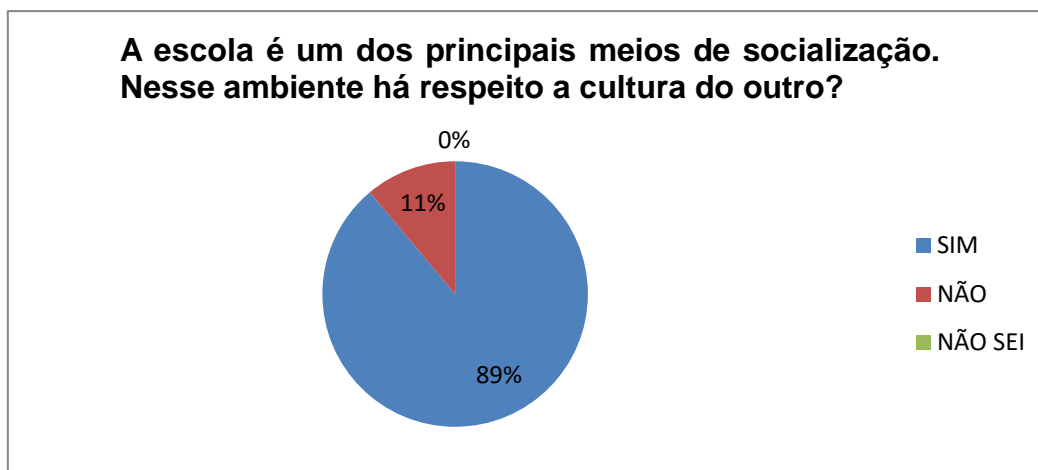


Fonte: do autor

Diante do gráfico 5 nota-se que todos os profissionais, entrevistados, trabalham em sala de aula a cultura e a história afro-brasileira, estando em conforme com a legislação de Nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003.

Ressaltamos que este dados nos remete aos dados coletados no gráfico 1, assim, nota-se uma contradição entre docente e discente. Pois dos 25% dos alunos entrevistados disseram que não está sendo trabalhada essa temática em sala de aula e os professores apontam que estes conteúdos são trabalhados.

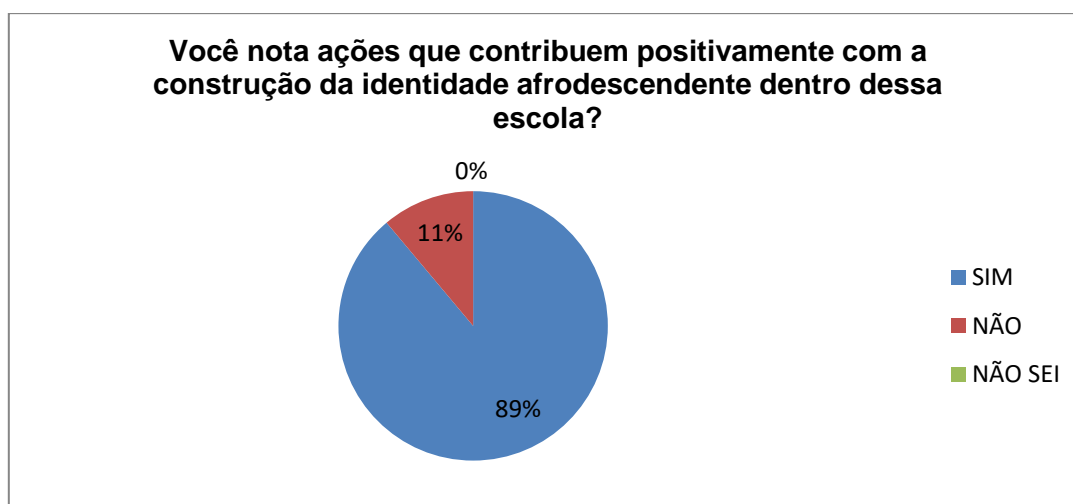
GRÁFICO 6



Fonte: do autor

O gráfico 6, diz que a maioria dos profissionais afirmam que há respeito à cultura do outro nesta instituição. Portanto, conforme a análise de outros gráficos existe discriminação ainda na escola. E a mesma deve quebrar esses princípios de preconceitos e valorizar a cultura do aluno afrodescendente.

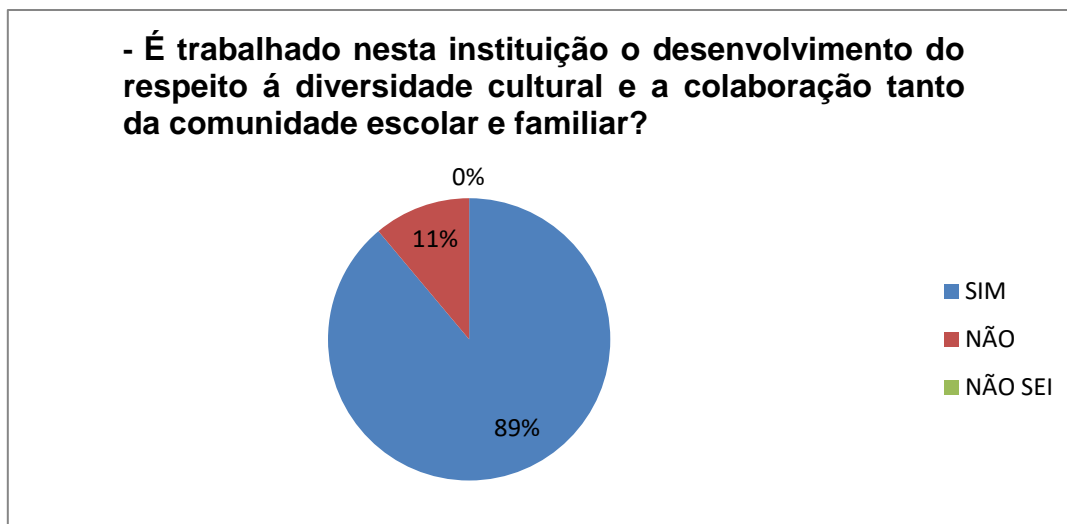
GRÁFICO 7



Fonte: do autor

Como nos mostra o gráfico 7, os entrevistados, alunos e professores afirmam que há ações que contribuem de forma positiva com a construção da identidade afrodescendentes na escola. Observamos que existe o resgate da cultura do afrodescendente, mas o processo de discriminação ainda está na escola, conforme aponta dados dos gráficos anteriores.

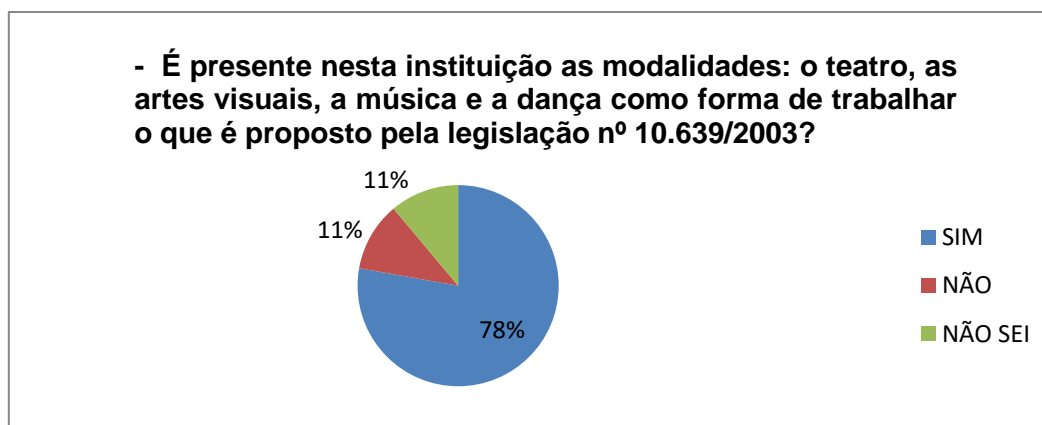
GRÁFICO 08



Fonte: do autor

Nota-se que os dados do gráfico 8, a maioria dos entrevistados afirmam que é trabalhado o desenvolvimento do respeito e da diversidade cultural.

GRÁFICO 9



Fonte: do autor

De acordo com o gráfico 9, os entrevistados afirmam que a escola trabalha o respeito à diversidade de forma ampla no âmbito cultural para os estudantes.

CONCLUSÃO

Diante dos objetivos pretendidos, os dados demonstraram a importância do **ensino da história e a cultura dos afrodescendentes nos conteúdos em sala de aula conforme a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Notou-se que os alunos chegam

à escola com potencial, independente do meio em que vive. Assim, é papel da escola trabalhá-lo e contribuir para a construção de novas relações e reconhecer uma identidade. É dentro da relação que percebemos a importância do currículo escolar como um componente indissociável da história de vida dos indivíduos afrodescendentes na educação básica em concepções democráticas, que possa estudar a construção da identidade desde público específica no processo de identificação do sujeito.

Os gráficos identificaram que a construção da identidade do aluno afrodescendente se dá no convívio escolar e no resgate da história afro-brasileira. Ainda nos mostra que a implementação da **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 contribui positivamente com construção da identidade cultural afrodescendente no contexto escolar.**

Entendemos, a partir deste estudo que só teremos uma sociedade efetivamente democrática, quando as diferenças forem respeitadas, quando as etnias que compõem este país tiverem suas representações garantidas. É dentro da relação: escola, currículo escolar e currículo vital que percebemos a importância do currículo escolar como um componente indissociável da história de vida dos indivíduos. Contudo, devemos lutar contra o racismo e a discriminação racial, para uma afirmação da identidade afrodescendente. Desse modo, conduz uma luta pelo respeito às suas diferenças e pela igualdade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. in: SILVÉRIO, V. R. **Afirmando diferenças: Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola.** (Coleção Papyrus Educação) Campinas, SP: Papyrus, 3ª Edição, 110p. 2005.
- ALCUDIA, R. **Atenção à diversidade.** Porto Alegre: Artmed, 168p, v. 3. 2002.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acesso em 21 de Abril de 2016 às 23:15.
- _____. **Lei LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> Acesso em 21 de Abril de 2016 às 23:56.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em 21 de Abril de 2016 às 23:18.
- _____. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em 21 de Abril de 2016 às 22:12.
- CAVALEIRO, E. (Org.) **Como entender os conceitos de preconceito, discriminação racial e racismo e trabalhar com eles.** São Paulo: Selo negro, 110p. 3ª Ed. 2001.
- DOMINGUES, P. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo, 23, p. 100-122, 2007.
- FERREIRA, R. F. In: CAMARGO, A. C. **As Relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra.** Psicologia: ciência e profissão, Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, p. 374-389, 2011.
- _____, G. S. C. P. **Relações Étnico-Raciais No Brasil.** 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/relacoes-etnico-raciais-no-brasil/10132/>>. Acesso em: 03 dez. 2015.
- GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas/ EAESP/ FGV, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995.
- GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, Universidade Federal de Minas Gerais, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003a.

- _____, N. L. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação, Nº 23, p. 75-85, Março, 2003b.
- _____, N. L. In: SILVA, P. B. G. e (orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autentica. 2ª Ed., 152p., 2006.
- _____, N. L. **Sem perder a raiz: corpo cabelo como símbolos da identidade negra**. Coleção Cultura Negra e Identidades, Belo Horizonte: Autêntica, 2ª edição, 376 p., 2008.
- _____, N. L. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**. RBPAE – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.
- GONÇALVES, L. A. O. In: SILVA, P. B. G. e. **O jogo das diferenças: O multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autentica. 3ª Ed., 120p., 2004.
- GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 2ª. ed. Campinas, SP: Alínea, 2001.
- GRANGER, G. G., **Modelos qualitativos, modelos quantitativos dos conhecimentos científicos**. In: Sociologia e as Sociedades (G. Houle, org.), vol. XIV, nº 1, pp. 07-15, Montréal: A Imprensa da Universidade de Montreal. 1982.
- LIMA, I. C. (Org.) **As ideias racistas, os negros e a educação**. Florianópolis: Atilende, 80p., v. 1. 1997.
- _____, I. C. (Org.) **Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural**. Florianópolis: Atilende, 112p., v. 3. 1998a.
- _____, I. C. (Org.) **Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural II**. Florianópolis: Atilende, 110p, v. 4. 1998b.
- _____, I. C. (Org.) **Educação Popular Afro-Brasileira**. Florianópolis: Atilende, 124p, v. 5. 1999a.
- _____, I. C. (Org.) **Os negros e a escola brasileira**. Florianópolis: Atilende, 142p, v. 6. 1999b.
- MUNANGA, K. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Estudos avançados, 18 (50), Entrevista. 2004.
- NEVES, A. M. B. **Interações: raízes históricas brasileiras**. Editora Bludrer, São Paulo, 1ª edição. 110p. 2012.
- SANTOS, J. R. d. **A questão do Negro na sala de aula**. Ática, São Paulo, 65p. 1990.
- _____, S. A. d. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 554 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de sociologia - Instituto de ciências sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2007.
- _____, F. R. In: SOUZA, M. E. V. **A (re) construção da identidade do aluno Afro-descendente: relatos de uma experiência na Progressão**. Rio de Janeiro, p. 1-9. (s.d).
- SILVA, A. C. d. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. EDUFBA: Salvador, 94p. 2001.
- SOARES, J. F. In: ALVES, M. T. G. **Desigualdades raciais no sistema brasileiro de Educação Básica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 147-165, jan./jun. 2003.